

O segundo volume dos *Dispersos e Inéditos* reúne os artigos, entrevistas, prefácios e outros textos publicados por Álvaro Ribeiro entre 1954 e 1960, a fase da sua mais intensa intervenção na vida cultural portuguesa.

Para além dos escritos de iniciativa própria, são de registar os que respondem a solicitações provindas de diferentes quadrantes, dirigidas a quem criara já um público interessado e suscitara mesmo o aparecimento de admiradores e discípulos, para lá dos inevitáveis contraditores.

É também a fase em que a filosofia alvarina, atingido o plano mais elevado com *A Arte de Filosofar* e *A Razão Animada*, envereda pela demonstração das suas aplicações e implicações, em especial no domínio da educação, enquanto teoria não apenas inspirada numa tradição própria, mas também capaz de dar resposta aos problemas nacionais, ainda os mais instantes, quais os desencadeados a partir de 1961.

ISBN 972-27-1342-6



ÁLVARO RIBEIRO

DISPERSOS E INÉDITOS

II

INCM

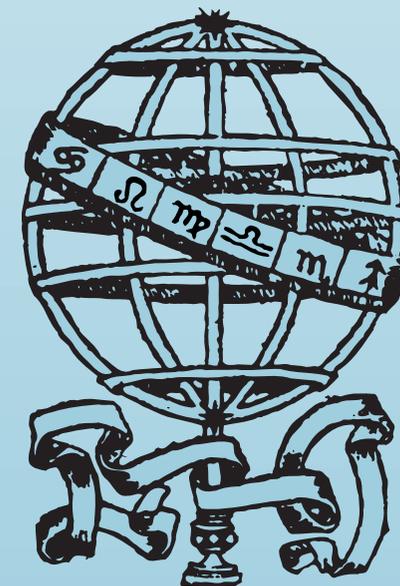
ÁLVARO RIBEIRO

DISPERSOS E INÉDITOS

II

(1954-1960)

Organização e apresentação de JOAQUIM DOMINGUES



COLECÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

ÍNDICE

Espírito e vida do espírito	11
Aspecto espiritual da higiene e da beleza	15
Estética e história da arte	19
<i>Revista Portuguesa de Filosofia</i> , tomo IX, fascículo 1, Janeiro-Março de 1954	23
Sincronismo técnico e anacronismo artístico	27
<i>Introdução ao Estudo do Direito Político</i> , por Marcello Caetano, Lisboa, 1954	31
<i>Curso de Psicologia Experimental</i> , pelo Padre Ilídio de Sousa Ribeiro, Braga, 1953	35
<i>Para um Verdadeiro Humanismo</i> , por António Azevedo Pires, Lisboa, 1954	37
<i>Cartas de Problemática</i> (n.º 10), António Sérgio	39
Carlos Branco, <i>Metafísica e Mundo Contemporâneo</i> , Lisboa, 1953	43
<i>Pax et Bonum</i> , segunda série, Lisboa, 1953	47
Sampaio Bruno, fundador da filosofia portuguesa	49
<i>Em Busca de Novos Rumos</i> , por Vidal de Caldas Nogueira, Lisboa, 1954	53
<i>Por uma Pedagogia Nacional</i> , por Rafael de Barros Soeiro, Braga, 1953	55
Leitores e leitorados	57
<i>Introdução ao Estudo do «Liber de Anima»</i> , de Pedro Hispano, por João Ferreira, O. F. M., Coimbra, 1954	61
Adérito Sedas Nunes, <i>Situação e Problemas do Corporativismo</i> , Lisboa, 1954	65
<i>Uma Acção Cultural em África</i> , José Osório de Oliveira, Lisboa, 1954	69
<i>Filosofia</i> , revista do Centro de Estudos Escolásticos, Lisboa, 1954	71
António Truyol y Serra, <i>Compêndio de História da Filosofia do Direito</i> , Lisboa, 1954	73

Manuel Anselmo, <i>Para uma Nova Ressurreição de Cristo</i> , Lisboa, 1954	77
<i>Ensaaios</i> , por António Sérgio, tomo VII, Lisboa, 1954	81
<i>Breve Antologia Filosófica</i> , II volume, <i>Lógica e Teoria do Conhecimento</i> , organizado por Joel Serrão, Jorge de Macedo e Rui Grácio, Lisboa, 1954	85
Balanço e equilíbrio do ano filosófico	89
1984 ou a verdade ao alcance das mãos	95
Condição do escritor português	101
Prémios literários	105
Meio século de literatura	109
<i>Introdução a uma Estética Existencial</i> , por António Quadros, Lisboa, 1954	113
Aristóteles e a tradição portuguesa	117
Filosofia pura e apologia exótica	129
Afirmção e negação da cultura portuguesa	133
Escritores e editores	137
Em legítima defesa	141
Os Reis Magos e a tradição portuguesa	145
Problemas da literatura feminina	151
Julián Mariás e a encarnação literária	155
<i>O Drama do Universitário</i> , por Afonso Botelho, Lisboa, 1955	159
Vontade de ser poeta	163
Residências de professores	169
Sampaio Bruno e a verdade oculta	173
Independência política e autonomia cultural	177
Pró-Pátria	181
A infância e o infinito	185
Filosofia do direito	189
António Manuel Gonçalves, <i>Frei João de São Tomás e Descartes</i> , Madrid, 1953	193
P.º Ilídio de Sousa Ribeiro, <i>Curso de Psicologia Racional</i> , Braga, 1955	197
Manuel Maia Pinto, <i>A Polémica Platão v. Sofistas</i> , Porto, 1955	201
Descrédito da literatura	205
O perpétuo socorro na filosofia da nossa vida	211
Entre o passado e o futuro — A filosofia portuguesa em 1955	219
Bergson au Portugal	225
A filosofia portuguesa dentro e fora dos congressos	229
Discussão e refutação de um paradoxo prestigiado	235
Literatura de redenção	239
Homenagem a Sampaio Bruno	243
A tradição islâmica na filosofia portuguesa	247
Associações académicas	251

A filosofia influi na literatura substituindo a noção deprimente de <i>pecado</i> pela noção exaltante de <i>virtude</i> [entrevista]	255
Genialidade e transcendência	259
Culto e cultura na vida nacional	263
Filosofia atlântica e filosofia mediterrânea	267
A liberdade do escritor	271
Política do espírito	275
A arte do livro no Congresso da Indústria Portuguesa	277
Leonardo Coimbra, <i>Obras Completas: A Alegria, a Dor e a Graça; Do Amor e da Morte</i> , Porto, 1956	281
António Quadros, <i>A Angústia do Nosso Tempo e a Crise da Universalidade. Ensaios</i> , Lisboa, 1956	283
Portugal	285
Sampaio Bruno e o pensamento universal	287
Notas sobre a infância da arte	291
Filosofias nacionais	305
Em defesa da liberdade	309
Antinomia e analogia na crise da estética	313
Os liceus	321
O que pensa da rapariga essencialmente moderna? [depoimento]	325
Estudos de estética em Portugal	327
<i>Hegellosigkeit</i> e o cultivo da ignorância	331
Filosofia da literatura e filosofia do direito	335
A razão dos liceus	339
Ensino liceal, ensino superior	343
A desnacionalização do ensino público merece ser considerada entre os graves problemas da actualidade [entrevista]	347
Filosofia com literatura	353
Testemunho	357
Alocução no Centro Contemporâneo de Cultura	385
Estou convencido da compatibilidade entre a Filosofia Portuguesa e a Filosofia Católica [entrevista]	389
Soloviev	395
Autonomia da cultura portuguesa	403
A educadora do homem	407
Edith Stein, o amor e a literatura	411
O paradigma do desporto deveria ser dado pela arte [entrevista]	417
Filosofia do direito e história de Portugal	423
Palavras que fazem ver	427
A filosofia e o direito	433
Posição escolar e oposição filosófica	441
Diálogo com o filósofo [entrevista]	447
<i>Reflexão</i> , por Agostinho da Silva, Lisboa, 1958	455
Ignorância positiva e viação simbólica	459
<i>As Mulheres e as Cidades</i> , por Augusto de Castro, 1958	463

<i>Reflexões sobre o Nosso Tempo</i> , por F. P. de Almeida Langhans, Lisboa, 1958	467
Cunha Seixas e a filosofia portuguesa	471
Neutralidade escolar	487
Especulação e prestígio	493
A criança, a família e a escola	497
Nacionalizar o ensino	501
Ensino primário, ensino formal	507
Ver para crer	511
<i>Um Fernando Pessoa</i> (mensagem de Agostinho da Silva)	517
Puericultura e pedagogia	521
Juntas de freguesia	525
Uma homenagem a Cunha Seixas	529
Intercâmbio cultural luso-brasileiro	531
Alguns conceitos sobre os problemas gerais do ensino no nosso país [entrevista]	537
Torna-se urgente formar um movimento de opinião [depoimento]	541
A filosofia nos liceus	545
A história de Portugal seria um absurdo se não existisse uma filosofia portuguesa. Quando for conhecida no estrangeiro, a filosofia portuguesa será saudada em todo o mundo culto pelos escritores mais inteligentes [entrevista]	549
Pensamento novo	555
Filosofia escolástica e dedução cronológica	561
O tempo das mulheres	589
Dante — Purgatório. Canto I. Alusão ao Cruzeiro do Sul	593
A família e a escola	595
O português nos liceus	599
«Carta a César»	603
Literatura de sentimento e literatura de pensamento	607
Meditação lusíada — Amanhã, V Império	611
Compêndios e programas	615

ESPÍRITO E VIDA DO ESPÍRITO *

Desde que Hegel, em escritos que não deixaram de ser actuantes, considerou manifestações do Absoluto a arte, a religião e a filosofia, generalizou-se a tendência para estabelecer identidade e sinonímia entre Espírito e Cultura. A vida do Espírito significará, pois, aos olhos das pessoas medianamente instruídas, uma série de actividades, mais ou menos valiosas, a que, por vocação ou profissão, se dedicam as inteligências de escol. Os livros, os quadros, as estátuas, os edifícios e os espectáculos seriam os resultados, mais do que os significados, de ensino superior nos povos e nas nações. Este prejuízo, aliás muito difundido entre doutos e indoutos, conduz à exaltação, por mal disfarçados motivos utilitários, das Escolas de Belas-Artes.

Não se nos afigura esta doutrina consentânea com a tradição portuguesa. O Espírito é, para nós, uma realidade, a suprema realidade, e se pensarmos no significado excelso do Espírito Santo, reconheceremos que a suprema realidade é Deus. Só assim poderemos compreender a existência de uma verdadeira vida espiritual, de uma autêntica vida do Espírito. **Tudo o mais é literatura...**

No templo é que chegamos a ter mais perfeita noção do Espírito, quando liturgicamente prestámos culto a Deus; mas também em nossos lares, nas habitações que verdadeiramente são lares, nos é dado reconhecer a omnipresença do Espírito.

Todos nós, — homens, mulheres e crianças, — para **bem viver** temos de cultivar a confiança no futuro, temos de esperar em reli-

* In *Bem Viver*, n.º 8, Lisboa, 1954, pp. 2-3.

gião ou em superstição. Ou pensamos no futuro segundo uma sistematização doutrinal que depende da Palavra Divina, e vivemos a religião em actualidade, ou aceitamos as sobrevivências de ritos pretéritos, numa descoordenação mental que não nos absolve das dúvidas, numa subordinação a hábitos que não nos libertam. O ente humano tem de ser religioso ou supersticioso, e a superstição aumenta na medida em que deixa de ser inteligível a imensidade da transcendência divina. Assim se explica também que algumas superstições, ou credences, coexistam ao lado da crença superior, que é a fé.

Temos pressa de resolver os problemas, não só porque a vida nos parece breve, mas porque desconhecemos o significado e a essência do sofrimento. Temos pressa, e perdemos a esperança. Logo recorremos a superstições para curar enfermidades, para abrir caminhos ao amor e à ambição, para nos compensarmos das injustiças, para nos defendermos de malefícios. As superstições são multiformes e evasivas; afectam os indivíduos, os grupos sociais, e até as multidões; contra elas se quebra a vontade do legislador, do polícia, e do médico. Aos homens que não prestam culto a Deus, demonstram as superstições que a inteligência humana tende sempre a invocar a realidade do Espírito. Tal é, aliás, o que se observa na poesia lírica: podemos distinguir entre poetas de apelo e poetas de mensagem. Excluímos, é claro, os poetas que não fazem mais do que à sua maneira repetir o que foi pensado por outrem.

Referimo-nos aos poetas, porque é em palavras que o Espírito se nos revela. Tal é o significado do Verbo. Todas as outras formas de revelação da Divindade, que as artes plásticas figuram, só valem pela significação que lhes atribui o discurso. A acção missionária, interpretativa e explicativa, tem de variar conforme as épocas e os povos.

Dentro deste critério realista e religioso, a que só a filosofia, como arte da palavra, pode atribuir significação, parece de considerar o amor como uma das formas superiores da vida do Espírito. Tal é, aliás, reconhecido pela Igreja Católica no sacramento do matrimónio que, numa audaciosa interpretação teológica, de certo modo sagra e consagra um mistério do mundo sobrenatural. Explicar o matrimónio pela biologia, pelos instintos e pelo interesse da espécie, ou pela sociologia, pela decência moral e pelo direito civil, como se pratica em certas reuniões mundanas, equivale a rebaixar o problema até ao nível do ateísmo.

Com a verdadeira doutrina do matrimónio, pelo contrário, é sempre possível manter acesa a lâmpada especulativa pela qual

se presta culto ao Espírito adentro dos lares. Se aquele sacramento, em que os noivos são ministros, nunca mais se repete porque é de efeitos indissolúveis, deixa contudo viver a rememoração do mistério em que os **esposos** se reconhecem **prometidos** para futura união transcendente. A vida do Espírito manifesta-se então no tranquilo convívio do lar, na colaboração modesta em obras de arte, na renovação constante das condições de bem viver.

Houve outrora dinastias de artistas, e se hoje o preconceito da orientação profissional intervém para dissolver as tradições de família no arranjo abstracto de interesses técnicos, ainda existem alguns lares onde se encontram e reúnem a consanguinidade e a consagração. A constituição de família, para assegurar o futuro da infância e também para assegurar o futuro da velhice, está portanto dependente do credo na vida eterna. Pela forma como se praticam nos lares a educação e a religião, muito mais do que pelas manifestações públicas das artes, das letras e das ciências, é que podemos apreciar nas épocas e nos povos o valor atribuído à vida do Espírito.

ASPECTO ESPIRITUAL DA HIGIENE E DA BELEZA *

Depois de publicar um fascículo sobre a «Vida do Espírito», dedica-se a enciclopédia de *Bem Viver* a estudar alguns problemas referentes ao corpo humano. Assim, chamando a atenção dos seus leitores para assuntos de higiene e beleza que tanto interessam à mulher como ao varão, e obrigando a reflectir sobre temas que no fim do século passado readquiriram actualidade, hoje largamente discutidos por todas as pessoas medianamente cultas, será possível apressar aquele trânsito da doutrina para a prática que de há muito esperam quantos desejam que a vida portuguesa se desenvolva no estilo característico do século xx.

De pouco vale verificar que, desde as campanhas doutrinárias de Ramalho Ortigão até ao fácil e abundante conteúdo dos actuais semanários e diários, o desporto, a vida ao ar livre, o naturismo alcançaram lugar excelente nas conversas fúteis dos espectadores distantes, operando muito mais pelo preceito do que pelo exemplo. Este desequilíbrio entre o falar e o agir significa, para nós, uma falta de sinceridade e de convicção que prenuncia visíveis ou invisíveis catástrofes. Andar em torno de um assunto não é avançar. Causa-nos tristeza que conversadores sedentários exprimam em termos próprios de *instinto combativo*, quer dizer, de agressão e de assassínio, o que deveria ser exaltado em termos heróicos de mais generosa e fraterna vida.

Há quem receie pela prática dos banhos de mar e de sol, tão certos com a nossa tradição atlântica, do campismo e do naturismo,

* In *Bem Viver*, n.º 9, Lisboa, 1954, pp. 4-6.

mais de inspiração continental, temendo não sabemos que anacrónica perversão de regresso ao paganismo. Neste simples jogo de palavras, — cuja malícia o etimólogo põe a descoberto, — só há motivo para riso ou sorriso. É que Paganismo e Cristianismo não são dois estandartes que entre nós se possam ostentar como imagens para combates de imprensa, e parece de mau gosto traduzir assim para português algumas figuras de retórica que talvez surtam bom efeito lá para a Europa Central. O aborrecimento que o homem contemporâneo sente pela cidade de canalizações rectilíneas e de relógios perfeitos, de movimentos acelerados e de ruídos cruéis, determina uma reacção de defesa; o homem que foge do meio artificial para o ambiente natural, levando consigo a família que é obrigado a proteger, obedece a um impulso que não tem qualquer significação imoral ou irreligiosa, pelo menos aos olhos daqueles que verdadeiramente acreditam em Deus.

Se as nossas cidades vão estendendo os seus tentáculos metálicos sobre a terra arável e vão destruindo toda a vegetação que a cerca, se cada vez há menos jardins entre os bairros, se o maior espaço é ocupado por máquinas-de-habitar e máquinas-de-fabricar, não estranhemos que os cidadãos aborream a matéria morta e os produtos da indústria, e procurem ansiosamente os elementos naturais, propícios à vida. Observamos que, pelo contrário, o ateísmo é praga que alastra muito mais entre os homens que permanecem muito tempo em edifícios construídos sem as indispensáveis condições de higiene e beleza. A alegria das cores e das formas é indispensável à exaltação da consciência religiosa.

Admirável é que a mulher estima na alternância das estações e das modas um factor de aperfeiçoamento estético e ético, enquanto alguns homens, mais voluntariosos do que imaginosos, preferem conservar o uniforme, porque acreditam na uniformidade do tempo. Se a mulher não consultasse diariamente o espelho, e não seguisse os imperativos da sua imaginação, acertando não só a sua pessoa mas também o seu ambiente pela imagem de uma beleza superior, se a mulher não fosse a educadora do homem, teriam os povos civilizados atingido aquele estado infeliz de que só a pintura cubista nos pode representar a indigna escravidão. A mulher conhece, muito melhor do que o homem, os segredos naturais, consciente ou inconscientemente actua com o fim de libertar o corpo humano de tudo quanto é transitório, digamos de tudo quanto é doloroso, impuro e imoral. A espontaneidade com que a adolescente cura de enfermagem, higiene e culinária, e a facilidade com que transforma ambientes, com simples enfeites

que criam aquela beleza promissora da felicidade, hão-de merecer sempre a admiração e a gratidão dos homens. A mulher resguarda e salva a alegria de viver, enquanto o homem erra na tentativa absurda de revogar as leis divinas.

Os problemas de higiene moral e de beleza moral, para empregar expressões de lugares comuns, merecem ser considerados também a nova luz. A higiene moral tem propriamente o nome de *civilidade*, e é constituída por certos ritos cuja significação escapa à crítica dos espíritos inferiores e cuja prática esquece em períodos de decadência, mas que valem de insubstituível exercício das virtudes que desejamos verificar em sociedade. Se entre nós fosse ensinado o preceito de nunca se dizer palavras desagradáveis a outrem, — preceito de higiene moral, — seríamos bem mais felizes na família, na escola e na profissão. Porque a verdade pode ser sinceramente dita sem palavras que magoem, e mais ganha em ser expressa com aquela arte que caracteriza o homem bem educado.

Tal arte deveria ser ensinada nas escolas, e fácil seria intercalar nos livros didáticos aqueles exercícios simples que estimulam o gosto pelas fórmulas estilizadas e pelos eufemismos felizes que a tempo evitam a ofensa moral. Nenhuma criança se mostra indócil perante um bom ensino da língua materna ou, seja, da arte da expressão, logo que descobre a influência das boas palavras no trato social. Infelizmente, porém, a nossa pedagogia propõe ao educando um ideal utilitarista e, portanto, egoísta, quando lhe fala de interesse individual, de prémios ou castigos. Os efeitos das primeiras leituras hão-de mostrar-se necessariamente no comportamento dos adultos. A mentalidade egoísta pretenderá tudo julgar pelo princípio contratual, eliminando a tradição do princípio associativo.

A higiene moral, ou higiene da alma, ensina-se pelo amor. Relacionando sempre a educação com a religião, damos à palavra *amor* o seu mais amplo e genuíno significado, garantido aliás pela etimologia. Assim, parece-nos estranho que, sendo o Cristianismo a religião do amor, haja países cristãos em que a imagem, o conceito e a ideia de amor só existam na nomenclatura do culto e não estejam integrados no processo da cultura. A cultura está para o culto como a filosofia para a teologia. O que separa entre nós a teologia da filosofia é uma apologética, ou apologia, demasiado concordista com o espírito profano. O que separa a teologia católica da filosofia portuguesa é uma apologética que, por demais estrangeira, perturba e enfraquece a vida espiritual da Nação.

Quando, porém, for reconhecida a superioridade da filosofia portuguesa sobre todas as outras filosofias europeias, como já vai sendo reconhecida a significação dos Descobrimentos Portugueses na História Transcendente da Humanidade, compreender-se-á que, para além do dever está o «talento de fazer o bem». Na lição do Infante D. Henrique ressoa um alto princípio de ética aristotélica.

Toda a cultura judaica, helénica e cristã afirma, directa ou indirectamente, que a ideia de *amor* é de ordem religiosa, e que, portanto, só para exprimir analogia filosófica ou imagem literária é que a palavra *amor* vale de mensagem do Céu à Terra ou de apelo do humano para o divino. Quem leu o *Simpósio* de Platão, infelizmente traduzido por *banquete*, e quem meditou sobre o *Matrimónio* cristão, deficientemente traduzido por *casamento*, compreenderá que os mais delicados, difíceis e dramáticos problemas das relações entre homem e mulher são apenas casos particulares de uma problemática mais vasta cuja solução se encontra apenas na ideia religiosa de amor. De aqui se infere que a virgindade, tão respeitada e respeitável na ordem ética e religiosa, vale quando é esperança e promessa de maternidade. A arte litúrgica, dando evidência plástica a esta verdade, antecede e inspira o princípio *criacionista* que já foi expresso e demonstrado na filosofia portuguesa.